



## FRAMEWORK PARA O RENASCIMENTO

### *A framework for the renaissance*

Eduardo Henrique Peiruque Kickhofel  
UNIFESP

**Resumo:** Visa-se neste artigo definir conceitos e divisões da filosofia elaborados no período chamado Renascimento. Analisa-se obras de Gregor Reisch, Benedetto Varchi e Francisco de Toledo, entre outros, para entender termos centrais como “filosofia”, “ciência” e “arte” e suas relações hierárquicas. Mostra-se que usos desses termos eram significativamente diversos de usos contemporâneos, e o uso de fontes da época visa simplificar e erradicar noções posteriores que não são necessárias para estudos históricos, de modo que se possa explicar questões que disciplinas contemporâneas não explicam. Visa-se também fornecer instrumentos conceituais para pesquisas históricas.

**Palavras-chave:** Renascimento; história; divisões da filosofia; filosofia; arte; ciência.

**Abstract:** This article aims to define concepts and divisions of philosophy elaborated in the period called Renaissance. We analyze works by Gregor Reisch, Benedetto Varchi and Francisco de Toledo, among others, to understand central terms such as “philosophy”, “science” and “art” and their hierarchical relations. The uses of these terms are shown to be significantly different from contemporary uses, and the use of sources aims to simplify and eradicate later notions that are not necessary for historical studies, so that one can explain issues that contemporary disciplines do not explain. This paper also aims to provide conceptual instruments for historical researches.

**Keywords:** Renaissance; history; divisions of philosophy; philosophy; art; science.

## Proêmio

Estudiosos qualificam Leonardo da Vinci como “artista” e “cientista”. Por exemplo, Martin Kemp, o mais importante leonardista ativo, em sua importante biografia a respeito de Leonardo<sup>1</sup>, usa o termo “*artists*” para qualificar pintores e escultores do Renascimento<sup>2</sup>, e “*scientist*” para qualificar estudiosos de filosofia natural daquela época. Kemp chama Leonardo, inclusive, de “*artist-scientist*”<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> KEMP, Martin. *The Marvellous Works of Nature and Man*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

<sup>2</sup> Anota-se que a palavra “Renascimento” aponta para uma categoria histórica concebida por Jules Michelet em meados do século XIX no livro *Histoire de France*, e utiliza-se neste artigo por não se conhecer alternativa razoável. Considera-se como o período compreendido aproximadamente entre 1350 e 1650. A data inicial faz referência aos primeiros escritos de Francesco Petrarca, e a data final diz respeito à permanência da filosofia aristotélica nas universidades europeias. Não obstante uma importante tradição de estudos que durante décadas considerou o Renascimento como um período neoplatônico (ou mais precisamente, neo-neoplatônico), Aristóteles foi o filósofo mais editado, lido e comentado no Renascimento. Kuhn comenta: “If we use the term ‘Aristotelianism’ to denote everything in Renaissance philosophy that with some high degree of probability makes direct or indirect use of Aristotle’s texts: this would mean that ‘Aristotelianism in the Renaissance’ and ‘Philosophy in the Renaissance’ are equivalent terms.” Cf. KUHN, Heinrich. “Aristotelianism in the Renaissance” <https://plato.stanford.edu/entries/aristotelianism-renaissance/> (último acesso em 26/10/2019). Bianchi, por sua vez, adiciona: “In the sixteenth century alone more translations of Aristotle and his

Leonardo não foi artista. No Renascimento não existiam artistas, ou seja, pessoas que expressam suas próprias subjetividades em obras como pinturas e esculturas, um tipo concebido no Romantismo. Leonardo usa a palavra “artista” no mínimo uma vez.<sup>4</sup> Benedetto Varchi eventualmente escreveu “artista”<sup>5</sup>, e Giorgio Vasari a menciona uma vez apenas na segunda edição das *Vite* (1568).<sup>6</sup> Nesses casos, entretanto, a palavra tem sentido de artífice, ou seja, pessoas que tinham conhecimentos práticos para produzir seguindo encomendas e contratos.<sup>7</sup> Não obstante sua imensa fama em vida, Leonardo

---

*commentators were undertaken, both into Latin and into vernacular languages, than had been produced in all previous centuries. More than three thousand editions of his works were published between the invention of printing and 1600, of which hundreds date from the fifteenth century; by way of comparison, there were only fourteen incunables containing works of Plato. As for commentaries, there are at least twenty times more on Aristotle than on the dialogues of Plato.”* Cf. BIANCHI, Luca. “Continuity and change in the Aristotelian tradition.” In: Hankins, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 50. Nesse sentido, pesquisas no Munich Digitization Center compreendendo o arco 1340-1665 renderam 1.342 resultados para edições de Aristóteles e comentários a respeito de sua obra, e apenas 134 para Platão (último acesso em 26/10/2019). Cf. também SCHMITT, Charles. B. *Aristotle and the Renaissance*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

<sup>3</sup> KEMP, Martin. *The Marvellous Works of Nature and Man*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 136. Uma lista inicial que cita esse tipo de anacronismo em textos acadêmicos demandaria dezenas de páginas.

<sup>4</sup> A única menção conhecida a “artista” está no *Libro de pittura*: “Comincia della scultura, e s’essa è scienza o no. La scultura non è scienza ma arte meccanicissima, perché genera sudore e fatica corporale al suo operatore e solo bastano a tale artista le semplici misure dei membri e la natura de’ movimenti e posati, e così in sé finisce dimostrando all’occhio quel che quello è, e non dà di sé alcuna ammirazione al suo contemplante, come fa la pittura, che in una piana superficie per forza di scienza dimostra le grandissime campagne co’ lontani orizzonti.” Cf. LEONARDO DA VINCI. *Libro di pittura. Edizione in facsimile del Codice Urbinate lat. 1270 nella Biblioteca Apostolica Vaticana*. Firenze: Giunti Gruppo Editoriale, 1995, vol. 1, cap. 35.

<sup>5</sup> Varchi (1549) usa três vezes a palavra “artista” em suas *Lezzione* (*Lições*). Duas ocorrências estão na primeira lição, que comenta o soneto de Michelangelo citado por Ames-Lewis na nota a seguir. Entretanto, na segunda lição a respeito de qual arte seria a mais nobre, a pintura ou a escultura, ele considera a palavra relacionada a pessoas que sabiam certas artes, como por exemplo um médico (1549, p. 89): “E chi mi dimandasse, se uno può essere Artista, verbigratia Medico, senza la sperienza, & non havendo medicato, gli risponderei di sì, s’egli intendesse di quell’arte, che s’acquista mediante la dottrina, ma di nò, se intendesse di quella che s’acquista per invenzione.” Cf. VARCHI, Benedetto. “Sopra la pittura e scultura: lezione due.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859c, v. 2, p. 627. Como em Vasari, citado a seguir, a palavra comum em Varchi é “artefice”.

<sup>6</sup> Vasari usa a palavra “artista” ao citar o soneto de Michelangelo citado na nota a seguir. Cf. VASARI, Giorgio. *Le vite de’ piv eccellenti pittori, scultori e architettori, scritte da M. Giorgio Vasari pittore & architetto Aretino di nuovo ampliate, con i ritratti loro, et con l’aggiunta delle vite de’ vivi et de morti, dall’anno 1550 insino al 1567*. Firenze: Giunti, 1568, vol. II, p. 777.

<sup>7</sup> Em um pequeno livro a respeito de Leonardo, Kemp diz: “Although we now regard great artists as the cultural gods of the period, even those who were most highly regarded were functionaries who worked to order and were not generally high in the pecking order of either courts or republics.” Entretanto, ele continua a chamar Leonardo de artista e não oferece justificativa para usar esse termo. Cf. KEMP, Martin. *Leonardo*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 22-23. Após expor que obras de arte não existiam no Renascimento, ou seja, “paintings were seen predominantly as functional objects – stimuli co devotion perhaps, or decorations on furniture or in interiors”, Ames-Lewis (2000) usa o termo “artist” e oferece motivos para tal, que vale citar integralmente: “But, it may be objected, ‘artist’ is also an anachronistic concept. Artista is a term used already by Dante, but not in reference to a painter or a sculptor. The relaxed way that today we use the word ‘artist’ to describe a practitioner of the visual arts would have been unintelligible in the late medieval or early Renaissance world. In the fifteenth century artista denoted a university-level student of the liberal arts. Not until after the end of the period surveyed in this book does it come used as a general term meaning a painter or a sculptor, as in Michelangelo’s usage in, for example, the celebrated sonnet that opens ‘Non ha l’ottimo artista alcun concetto / c’un marmo solo in sé non circoscrive / col suo superchio...’ However, in this book I shall use the term ‘artist’ for convenience, as a portmanteau term to cover all practitioners of two- and three-dimensional representational arts. It should be understood in this spirit: in other words, it should be understood that it is not a loaded term – it carries no connotations of creative self-consciousness unless this is specifically suggested in particular cases. I might have chosen to use the general term ‘craftsman’, but this has opposite connotations: the craftsman shows often highly developed manual skills but by implication only sporadic evidence of intellectual activity. ‘Artist’ is preferred, I think, because even when unloaded of its twentieth-century baggage it does suggest what this book seeks to trace: the synthesis of growing intellectual activity with the manual skills of the painters, the sculptor and their fellow practitioners in the representational arts.” Cf. AMES-LEWIS, Frances. *The Intellectual Life of Early Renaissance Artist*. New Haven, London: Yale University Press, 2000, p. 3. Documentos sugerem que de Giotto a Michelangelo artífices, humanistas e filósofos deram nova dignidade às artes e a seus praticantes, especialmente pintores, escultores e

viveu como artífice. Leonardo também não foi cientista. De fato, não existiam cientistas no Renascimento, ou seja, um tipo profissional nascido em meados do século XIX que já se valia de conhecimentos vindos da ciência dos modernos.<sup>8</sup> A palavra “*scienziato*” está em Varchi, por exemplo, mas no sentido de quem conhece certas matérias em oposição a matérias que não conhece.<sup>9</sup> Leonardo da Vinci foi um artífice que tinha interesse por certas matérias da filosofia natural, como anatomia e óptica, entre outras.

Historiadores da arte, que em geral se ocupam de Leonardo, usam conceitos e questões formuladas da segunda metade do século XIX em diante para descrever, classificar e entender obras de arte, ou seja, obras apreciadas principalmente por suas características formais, não por suas funções ou utilidades imediatas. Para eles, arte significa obra de arte, não “*un abito intelletivo che fa con certa e vera ragione*”, como Benedetto Varchi escreveu em 1549, e talvez pouco se importem se um crucifixo renascentista já foi parte de um aparato litúrgico. Historiadores da arte escrevem história de obras de arte, independentemente de tais e tais obras terem sido feitas como obras de arte. Funciona? Sim, mas de modo um tanto torto. Por exemplo, a Sainsbury Wing da National Gallery de Londres, que exhibe a coleção renascentista da galeria, está organizada em torno de conceitos e questões que não existiam no Renascimento. Imagine-se um homem do século XV lá vendo obras religiosas dispostas sem relação direta com práticas litúrgicas, em frente às quais pessoas não rezam e, situação constrangedora e incompreensível para ele, grande parte delas fica de costas às obras olhando para estranhos aparelhinhos luminosos como se fossem espelhos... Talvez história da arte seja produto de uma época em que se faz cada vez menos obras religiosas, ao menos entre grandes artistas reconhecidos como tais. Resta admirar obras formalmente, e ao escrever a respeito delas joga-se concepções contemporâneas para épocas passadas. Historiadores da arte tentam encaixar círculos em triângulos.

Leonardo da Vinci faz parte de uma comunidade específica de estudiosos, e apenas raramente ele chama a atenção de estudiosos de história da filosofia como hoje entendida, estudada e praticada. Eugenio Garin, importante historiador da filosofia, escreve a respeito de “*Leonardo filosofo come Leonardo scienziato*”, e também chama Leonardo de “*artista*”.<sup>10</sup> Garin não define artista e cientista, e Garin apenas sugere o sentido de filósofo. Rossi também não hesita chamar Leonardo de “*artista*” e “*filosofo*”, sem definir um e outro.<sup>11</sup> Leonardo também não foi filósofo, ao menos se por filósofo forem considerados homens como Ficino e Giordano Bruno, entre outros. Nesse sentido, textos importantes a respeito da filosofia do período em questão também não focam sobre definições e divisões da filosofia. *O Cambridge History to Renaissance Philosophy*, editado por Schmitt e Skinner<sup>12</sup>, visa evitar “*anachronistic views about what should count as philosophy*”, e propõe incluir matérias como retórica, poética e história, entre outros. Tentando esquecer definições contemporâneas, os editores evitam “*to concentrate on the parts of the subject most readily recognisable as philosophical to twentieth-century students*”: “*We have attempted, by contrast, to follow out the implications of the fact that the term ‘philosophy’ in the Renaissance comprehended a rather different and above all a much broader range of topics than the same term*

---

arquitetos, mas o tipo artista ainda estava longe. Cf. Shiner (2001, p. 99-115). Assim, neste artigo opta-se por manter “artífice”, palavra comum em documentos de época.

<sup>8</sup> A palavra como se usa hoje vem de William Whewell, conforme Snyder: “*In response to a challenge by the poet S.T. Coleridge in 1833, Whewell invented the English word ‘scientist,’ before this time the only terms in use were ‘natural philosopher’ and ‘man of science.’*” Cf. SNYDER, Laura. J. “William Whewell.” <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/whewell/> (último acesso em 26/10/2019).

<sup>9</sup> Conhece-se duas ocorrências de “*scienziato*” em Varchi. A primeira está em um texto a respeito de prefácios (1859, p. 808), e segunda, em um texto a respeito de alquimia. Cf. VARCHI, Benedetto. *Questione sull’alchimia*. Firenze: Stamperia magheri, 1827, p. 2.

<sup>10</sup> GARIN, Eugenio. “*La cultura fiorentina nell’età di Leonardo*.” In: *Scienza e vita civile nel Rinascimento Italiano*. Bari: Laterza, 1965, p. 57.

<sup>11</sup> ROSSI, P. *I filosofi e le macchine*. Milano: Feltrinelli, 2009, p. 45-48.

<sup>12</sup> SCHMITT, C. B., SKINNER, Q. (Eds.) *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

*comprehends in present-day universities of the English-speaking world.*” Entretanto, o volume não segue divisões da filosofia da época, e também exclui partes importantes da filosofia como lá entendida. A primeira parte trata do contexto intelectual do período, e está dividida nas seções “*The conditions of enquiry*” (subdividido nos capítulos “*Manuscripts*” e “*Printing and censorship*”), “*The Renaissance concept of philosophy*”, “*Translation, terminology and style in philosophical discourse*”, e “*Humanism*”. A segunda parte, chamada “*Philosophy and its parts*”, compreende o centro do volume e está dividida em seis seções: “*Logic and language*” (subdividido nos capítulos “*Traditional logic*” e “*Humanistic logic*”), “*Natural philosophy*” (subdividido nos capítulos “*Traditional natural philosophy*”, “*The new philosophy of nature*” e “*Astrology and magic*”), “*Moral philosophy*”, “*Political philosophy*”, “*Psychology*” (subdividida nos capítulos “*The concept of psychology*”, “*The organic soul*” e “*The intellective soul*”) e “*Metaphysics*”. Essa parte segue com as seções “*Problems of knowledge and action*” (subdividida em “*Fate, fortune, providence and human freedom*”, “*Theories of knowledge*” e “*Epistemology of the sciences*”, e “*Philosophy and humanistic disciplines*” (subdividida em “*Rhetoric and poetics*” e “*The theory of history*”). Os temas não estão colocados de modo claro em relação a divisões da filosofia da época como descritas a seguir, e ficam próximos de temas estudados em “*universities of the English-speaking world*”.<sup>13</sup> Começar com lógica e linguagem sugere o *órganon*, que faz sentido no contexto da época. Entretanto, a organização colocada a seguir não segue os três critérios vindos dos antigos que se usava no período em questão para hierarquizar as partes da filosofia: graus de certeza, excelência ou dignidade de seus objetos, e também seus fins. As artes estão excluídas, não obstante sua importância assumida por Vasoli no capítulo “*The Renaissance concept of philosophy*”. Escrevendo a respeito de “*the relation of philosophy to a new appraisal of the arts*”, Vasoli não define “*philosophy*” e “*arts*”, e diz: “*Alberti, architect, mathematician and philosopher, is the key figure here. In his specialised treatises, particularly the De re aedificatoria the artisan – constructor of buildings, machines and tools to extend man’s powers – becomes an artist-savant who strives unceasingly to give form to matter.*” A passagem de “*artisan*” a “*artist-savant*” está correta em suas linhas amplas, mas Vasoli peca por usar “*artist*” e não definir os dois conceitos principais que estavam em jogo.<sup>14</sup>

Na introdução do *Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*, Hankins coloca de modo claro sua abordagem:

*It is no surprise that many subjects considered to belong to philosophy in the Renaissance would no longer be thought philosophical today: most of natural philosophy (which included botany, biology, medicine, physiology, optics, physics and cosmology), magic, demonology, music, astrology, mysticism, theosophy, and theology. Also, within the purview of Renaissance philosophers were classical philology, history, literature, politics, poetry, rhetoric, the art of household management, and biblical hermeneutics as well as the sciences of angelology, numerology, and Cabala. Indeed, since in the Renaissance philosophy could still mean learning in general, the list of subjects potentially to be included under philosophy could be extended indefinitely.*<sup>15</sup>

Disciplinas como “*botany*”, “*biology*”, “*physiology*” e “*cosmology*” não existiam naquela época, e foram concebidas como disciplinas a partir do século XIX. Hankins assume logo a seguir sua postura anacrônica:

<sup>13</sup> A terceira parte, chamada “*Supplementary material*”, está dividida nas seções “*The availability of ancient works*” e “*The rise of the philosophical textbook*”, e não requer comentários para os fins deste artigo.

<sup>14</sup> VASOLI, C. “*The Renaissance concept of philosophy.*” In: SCHMITT, C. B., SKINNER, Q. (Eds.), *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 57-74.

<sup>15</sup> HANKINS, J. “*Introduction.*” In: HANKINS, J. (Ed.) *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 6.

*Clearly some compromise is called for between the requirements of the modern academy and strict historicism, so philosophy for the purposes of the present collection will be understood approximately as it is understood today, as comprising, in other words, the philosophy of language, logic, metaphysics, psychology, religion, politics, and ethics.*<sup>16</sup>

Desse modo, o volume está dividido em duas partes principais, quais seja, “*Continuity and Revival*” e “*Toward Modern Philosophy*”, as quais estão divididas em capítulos que não seguem divisões renascentistas da filosofia. Assim, se a forma como está organizado permite que se analise questões que naquele período não estavam colocadas de modo claro, como por exemplo os capítulos “*The philosopher and Renaissance culture*” e “*Continuity and change in the Aristotelian tradition*”, não segue disciplinas como organizadas.

Historiadores da filosofia usam conceitos, questões e disciplinas que têm origem no século XIX para compreender textos filosóficos de épocas anteriores. Para eles, a palavra “filosofia” significa conjuntos de doutrinas de certos filósofos (filosofia aristotélica ou kantiana), tradições históricas consolidadas nos últimos dois séculos (filosofia grega ou moderna) e vertentes contemporâneas (filosofia analítica ou continental), mas não “conhecimento de coisas divinas e humanas conjuntamente com o estudo do bem viver”<sup>17</sup>, como escreveu Gregor Reisch em 1503 em seu livro *Margarita Philosophica*. Assim, historiadores da filosofia escrevem história de setores específicos da filosofia como concebida no Renascimento, em geral aqueles mais abstratos, e talvez pouco importe que tais e tais filósofos conceberam suas doutrinas em vista de viver bem. Imagine-se um filósofo-teólogo como Marsilio Ficino lendo esse volume da Cambridge, erudito e importante, mas que pouco se ocupa de questões de bem viver e de salvação. Talvez Ficino gostasse de textos de Pierre Hadot a respeito de filosofia como modo de vida... Talvez história da filosofia como feita hoje seja produto de uma época em que cada vez menos pensa filosofia em sentido amplo, ao menos entre filósofos hoje reconhecidos como tais. Resta ler textos anacronicamente, e ao escrever partes de sua longa história joga-se concepções contemporâneas para épocas passadas. Como no caso de historiadores da arte, existem sobreposições entre conceitos, questões e disciplinas renascentistas, e conceitos, questões e disciplinas contemporâneas, historiadores da filosofia também tentam encaixar círculos em triângulos.

Nesse sentido, o “*compromise*” referido por Hankins também faz parte de outras disciplinas históricas contemporâneas. Em sua edição *Mechanics in Sixteenth-Century Italy*, Stillman Drake diz: “*The word ‘mechanics’ covers several more or less distinguishable areas. The most obvious of these – that is, the actual construction and use of machines – belongs to the history of technology rather than to that of science.*”<sup>18</sup> Como Hankins, Drake usa conceitos, questões e disciplinas também formadas a partir de meados do século XIX que não correspondem a disciplinas renascentistas. Por exemplo, conforme diz Clemens Timpler em seu livro *Metaphysicae systema methodicum (Sistema metódico de metafísica)*, “tecnologia” significava um “tratado geral e utilíssimo sobre a natureza e as diferenças entre artes liberais”.<sup>19</sup> Questões e disciplinas, por sua vez, estavam organizadas em hierarquias de conhecimentos que não existem mais, cujos critérios eram graus de abstração da matéria e certeza, e também utilidade. Aquela

<sup>16</sup> HANKINS, J. “Introduction.” In: HANKINS, J. (Ed.) *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 6-7.

<sup>17</sup> “*Philosophia est divinarum humanarumque rerum cognitio cum studio bene vivendi coniuncta.*” REISCH, Gregor. *Margarita philosophica*. Freiburg im Breisgau: Johann Schottum, 1503, f. 4v. As transcrições das edições renascentistas utilizadas são do autor deste artigo, e seguem normas usuais; manteve-se “u” por “v” etc. As traduções também são do autor deste artigo.

<sup>18</sup> DRAKE, Stillman. “Introduction.” In: DRAKE, S., DRABKIN, I. E. (Eds.) *Mechanics in Sixteenth-Century Italy. Selections from Tartaglia, Benedetti, Guido Ubaldo and Galileo*. Madison, Milwaukee, and London: The University of Wisconsin Press, 1969, p. 5.

<sup>19</sup> “*Technologia, hoc est tractatus generalis et utilissimus de natura & differentiis artium liberalium.*” TIMPLER, Clemens. *Metaphysicae systema methodicum*. Hanoviae: Haeredes Guilielmi Antoni, 1612, frontispício.

*civiltà* que renascia parece próxima, mas documentos sugerem um mundo um tanto diverso. O frontispício do *La nova scientia* (*A nova ciência*) de Niccolò Tartaglia (1550) [fig. 1] mostra Euclides na parte inferior, e uma imagem da filosofia na parte superior, perto da qual estão Platão e Aristóteles. Entre eles, estão Tartaglia e as artes do *Quadrivium* acompanhados de disciplinas como *astrologia* (astrologia), *necromantia* (necromancia), *hydromantia* (hidromancia) e *sortilegio* (feitiçaria) entre outras. Drake, que cita uma longa análise dessa gravura<sup>20</sup>, perde conexões entre disciplinas que existiam lá e também não aponta para o contexto amplo da filosofia em sentido de época, que também incluía a ciência mecânica e as artes mecânicas. Drake também tenta encaixar círculos em triângulos.

Disciplinas contemporâneas, concebidas e organizadas a partir de meados do século XIX, fornecem informações e interpretações importantes a respeito de obras feitas no período em questão. Entretanto, elas não correspondem às disciplinas renascentistas, e talvez sejam “obstáculos epistemológicos”, recordando uma expressão de Gaston Bachelard. Diferentemente da perspectiva utilizada nos textos citados acima, este artigo visa recuperar conceitos e divisões da filosofia no Renascimento. Talvez pouco se entenda que o Renascimento era um mundo significativamente diverso do mundo contemporâneo, e assim pouco se usa elementos da filosofia renascentista para pensar filosofia renascentista. Discussões conceituais e exposições de divisões da filosofia parecem ter poucas consequências, no sentido de não fazerem parte de métodos de estudos para organizar textos – artigos e livros, coleções etc.<sup>21</sup>

## Do método

Em primeiro lugar, distingue-se filosofia e história da filosofia. Quando se estuda fontes de época, existem duas opções principais. A primeira visa fazer história da filosofia, ou seja, estudar fontes considerando vocabulários, conceitos e questões do período em que tais fontes foram escritas. Esta é a tarefa de acadêmicos, e talvez assim eles possam supor como tais e tais filósofos pensaram tais e tais questões em seus respectivos períodos históricos. A segunda visa fazer filosofia, ou seja, estudar fontes para pensar vocabulários, conceitos e questões do período em que se estuda tais fontes. Esta é a tarefa de filósofos, que visam pensar explicitamente questões de seus próprios períodos. Para que essa ideia fique clara, recordo livros como *The Cambridge Companion to Galileo*, editado por Peter Machamer<sup>22</sup>, e *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, de Edmund Husserl<sup>23</sup>. Os acadêmicos que escreveram *The Cambridge Companion* estavam interessados entender a formação da nova física matemática, entre outras questões, mas ao escrever *Die Krisis* Husserl considerava consequências da ciência moderna na Europa pouco antes da Segunda Grande Guerra. Não existe distinção precisa entre história da filosofia e filosofia. Ernst Cassirer, por exemplo, fez história da filosofia influenciado por sua filosofia neokantiana<sup>24</sup>, e fez sua filosofia neokantiana<sup>25</sup> a partir do vasto conhecimento

<sup>20</sup> DRAKE, Stillman. “Introduction.” In: DRAKE, S., DRABKIN, I. E. (Eds.) *Mechanics in Sixteenth-Century Italy. Selections from Tartaglia, Benedetti, Guido Ubaldo and Galileo*. Madison, Milwaukee, and London: The University of Wisconsin Press, 1969, p. 19.

<sup>21</sup> Wallace descreve a classificação de Francisco de Toledo, comentada a seguir, no meio de seu artigo a respeito da filosofia natural tradicional daquele período no *Cambridge History*, mas não no começo. Cf. WALLACE, William. A. “Traditional natural philosophy.” In: SCHMITT, C. B., SKINNER, Q. (eds.), *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 209-12. O capítulo de Blair a respeito de organizações de formas de conhecimento está no fim do *Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*, não em seu início. Cf. BLAIR, Ann M. “Organizations of knowledge.” In: HANKINS, J. (Ed.), *The Cambridge companion to Renaissance philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 287-303.

<sup>22</sup> MACHAMER, Peter. *The Cambridge Companion to Galileo*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

<sup>23</sup> HUSSERL, Edmond. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Berlin: Springer, 1976.

<sup>24</sup> CASSIRER, Ernst. *Individuum und Kosmos in der Philosophie der Renaissance*. Leipzig: Teubner, 1927.

<sup>25</sup> CASSIRER, Ernst. *An Essay on Man*. New Haven: Yale University Press, 1944.

que tinha da história da filosofia (e de linguística, artes, ciências, antropologia e muitos mais). Cassirer fez interpretações filosóficas da história da filosofia. Entretanto, e não obstante este e inúmeros outros matizes, a distinção entre história da filosofia e filosofia torna claros vocabulários, conceitos e questões de estudos que se faz. Assim, pode-se saber que fins amplos se quer – história da filosofia ou filosofia – e delimitar fins específicos. Assim, pode-se organizar métodos para chegar a eles. Por exemplo, se alguém quiser estudar Galileu como historiador, que estude latim e italiano, leia fontes de época para selecionar vocabulário que aponte para conceitos, questões e disciplinas da época de Galileu, e também busque referências acadêmicas consideradas importantes para seus fins históricos. Agora, se alguém quiser estudar Galileu como filósofo, que estude textos de filósofos que tratam de conceitos e questões que possam extrair de Galileu conforme seus fins filosóficos. Saber fins determina modos de ler e pensar, e também escrever.

Visando história, segue-se autores renascentistas que se dedicavam a estudar textos antigos usando recursos gramaticais até então inéditos. Por volta de 1430, Matteo Palmieri, apotecário, humanista e embaixador florentino, escreveu o *Libro della vita civile (Livro da vida civil)*, no qual ele fala a respeito da formação para viver dignamente em uma “ótima república”: “Rápido conhecer-se-á o primeiro sinal de uma alma bem composta quando ela está firme e consigo mesma, não desviando dos primeiros engenhos, se ela considera e volta-se aos termos fundamentais de qualquer ciência ou arte, a cada dito e fato correspondendo, e sabe que qualquer outra via é vaga, instável e sem fruto.”<sup>26</sup> Benedetto Varchi, humanista e historiador florentino, também enfatiza conhecimento de conceitos básicos. O livro *Due lezioni (Duas lições)*, publicado em 1549, traz duas lições, a primeira a respeito e um soneto de Michelangelo, e a segunda a respeito de qual arte seria mais nobre, a pintura ou a escultura. No prefácio da segunda lição, Varchi diz: “Em qualquer disputa, em primeiro lugar deve-se declarar os termos principais para evitar o equívoco e a troca de nomes.”<sup>27</sup> Ele declara, após, ciência e arte, seguindo definições aristotélicas, como anotado a seguir. Por fim, cita-se Clemens Timpler, teólogo e filósofo protestante, diz que “em cada dissertação reta e prudentemente instituída por sentenças comuns dos filósofos, o início deve ser para a explicação dos nomes, que coisa eles significam, acerca de que discussão se ocupam”<sup>28</sup>. Espera-se assim fazer história da filosofia de modo rigoroso.

O foco deste artigo está em fontes do século XVI, época em que, via difusão impressa de textos, o Renascimento já havia ultrapassado fronteiras italianas e estava difundido pela Europa.<sup>29</sup> Dessas fontes, extrai-se vocabulários para, tanto quanto possível, escrever a respeito delas e também evitar termos comprometidos com épocas posteriores.

## Conceitos e divisões da filosofia

<sup>26</sup> “Tosto si conoscerà il primo segno dell’animo bene composto essere stare fermo, & seco medesimo non deuiando da i primi ingegni, considerare, et riuolgere i termini fondamentali di qualunche scienza, o, arte, & a quegli con ogni decto & facto, corrispondere, sappiendo che ogn’altra uia è uaga, & instabile, & senza fructo.” PALMIERI, Matteo. *Libro della vita civile*. In Firenze per li heredi di Philippo di Giunta ne l’anno del Signore M.D.XXIX. [1529] alli 5. di Settembre, p. 28v.

<sup>27</sup> “In ciascuna disputa si debbe la prima cosa, per fuggire l’equivocazione e scambiamiento dei nomi, dichiarare i termini principali” VARCHI, Benedetto. “Sopra la pittura e scultura: lezione due.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859, v. 2, p. 628.

<sup>28</sup> “In omni disser[ta]tione recte & prudenter instituenda[m] ex communi Philosophorum sententia[m], initiu[m] sumi debet ab explicatione nominis, quo res illa significantur, circa quam dissertio occupantur.” TIMPLER, Clemens. *Physicae seu philosophiae naturalis systema methodicum*. Hanoviae: Haeredes Guilielmi Antoni, 1609-13, p. 1.

<sup>29</sup> Inúmeras fontes do século XV descrevem divisões da filosofia como então entendida. Talvez o texto mais importante seja o *Panepistemon* de Angelo Poliziano, objeto de estudo de um artigo em desenvolvimento. Cristoforo Landino descreve uma divisão da filosofia no *Praefatio in Tusculanis Ciceronis*, uma das fontes de Poliziano.

Usos de certas palavras produzem sentidos em dados contextos históricos. No Renascimento, a palavra “*philosophia*” não remetia a doutrinas de filósofos específicos (filosofia aristotélica ou kantiana), tradições históricas consolidadas no último século e pouco de estudos eruditos em história da filosofia (filosofia grega ou moderna) e, por fim, escolas contemporâneas (filosofia analítica ou continental). No Renascimento, usava-se “*philosophia*” de modo diverso.

Publicado pela primeira vez em Freiburg em 1503, o livro *Margarita philosophica* (*Margarida filosófica*) teve inúmeras reedições em diversas cidades europeias (por exemplo 1504, 1508, 1512, 1515, 1517, 1535, 1583 e 1599, esta última em italiano), sugerindo sua importância no período. O livro não contém matérias originais, mas sim resume matérias que jovens estudantes tinham de saber para iniciar seus estudos universitários.<sup>30</sup> Logo no início, Reisch define filosofia e seu fim, já citada acima: “Filosofia é o conhecimento de coisas divinas e humanas conjuntamente com o estudo do bem viver.” A expressão “conhecimento das coisas divinas e humanas” vem de Platão e Cícero, mas “divinas” segue usos correntes na cristandade que, por sua vez, modificavam o uso antigo de “humanas”. O homem de Reisch não era pagão, mas cristão, e seu bem viver mirava sua própria salvação. Reisch não elabora distinções de arte e ciência, mas ambos conceitos ficam implícitos em sua partição da filosofia, publicada na gravura analisada a seguir.

Varchi, de quem se escreve acima, define filosofia no pequeno texto *Divisione della filosofia* (*Divisão da filosofia*): “A Filosofia, que é a cognição de todas as coisas que existem, humanas ou divinas, tem por argumento e matéria o ente, ou seja, tudo aquilo que existe; e em suma [conhece] tanto todas as coisas terrenas e mortais como [as coisas] celestes e eternas.”<sup>31</sup> Nesse texto, Varchi também deixa claro o fim da filosofia:

Tudo que alguém faz ou diz, faz e diz somente para conseguir a sua perfeição última e, conseqüentemente, a felicidade; a qual consiste, segundo os filósofos, em entender e fruir o mais nobre e perfeito ente que se conhece, isto é, Deus, chamado por eles o primeiro Motor, a primeira causa, princípio e fim de todas as coisas.<sup>32</sup>

Por fim, cita-se o cardeal jesuíta Francisco de Toledo, teólogo e professor no Collegio Romano. No prefácio de seus *Commentaria una cum quaestionibus in VIII libros De physica auscultatione* (*Comentários com questões sobre a Física de Aristóteles em oito livros*), publicado em 1574. Toledo define filosofia de dois modos. Primeiro, ele a define segundo seu fim (*definitio ex fine*): “Filosofia é meditação sobre a morte”, mencionando o filósofo pagão Porfírio, e “Filosofia é semelhança a Deus”, em um

<sup>30</sup> Schmitt enfatiza a importância desse livro no século XVI: “Very different from the works of either Lefèvre or Titelmans is Gregor Reisch’s *Margarita philosophica* (Freiburg, 1503), which both harks back to Albert of Orlamunde and looks forward to the comprehensive manuals of later times. Encyclopaedic in scope but compendious in execution, this work gives a statement of the general level of Northern European learning before the influence of either humanism or religious reform. It covers not only the trivium and quadrivium, but also the principal branches of philosophy (including moral philosophy). The *Margarita* is unusual for its time in presenting such a wide range of topics in such a brief compass, and it had a deserved success, being reprinted many times, primarily at Strasburg and Basle, and even appearing in an Italian version as late as 1599.” SCHMITT, Charles B. “The rise of the philosophical textbook.” In: SCHMITT, C. B., SKINNER, Q. (Eds.) *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 796

<sup>31</sup> “La Filosofia, la quale è la cognizione di tutte le cose che sono, così umane come divine, ha per soggetto e materia sua l’ente, cioè è tutto quello che è; ed in somma tutte le cose così terrene e mortali, come celesti e sempiterno.” VARCHI, Benedetto. “Divisione della filosofia.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 794.

<sup>32</sup> “Tutto quello che fa o dice ciascuno, si fa e si dice da lui solo per conseguire l’ultima perfezione sua e conseqüentemente la felicità; la quale consiste, secondo i filosofi, nell’intendere e fruire il più nobile e perfetto ente che si ritruovi, cioè è Dio, chiamato da loro il primo Motore, la prima causa, principio e fine di tutte le cose.” VARCHI, Benedetto. “Divisione della filosofia.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 795.



contexto evidentemente cristão.<sup>33</sup> Segundo, ele a segundo seu objeto (*definitio ex obiecto*); seguindo Platão e Cícero: “Filosofia é conhecimento das coisas divinas e humanas”.<sup>34</sup> Vejamos, agora, suas divisões.

A gravura impressa por Gregor Reisch [fig. 2] expressa uma síntese entre a tradição aristotélica e artes liberais, ou seja, entre divisões abstratas e disciplinas institucionalizadas em universidades. Reisch divide a filosofia (*Philosophia*) em teórica ou especulativa (*Theoricam sive speculativam*) e prática (*Practicam*). Eis a divisão bipartida básica dos filósofos antigos. A parte teórica está dividida em real (*Realis*) e racional (*Rationalis*). A parte real contém as ciências teóricas da tradição aristotélica, ou seja, metafísica (*Metaphisicam*), centrada sobre o ser em geral abstraído de sua materialidade; matemática (*Mathematicam*), que trata das abstrações quantitativas e aqui na forma das disciplinas do *Quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música); e física ou filosofia natural (*Phisicam sive [philosophiam] naturalem*), que tinha matéria sensível como objeto de consideração e cujos ensinamentos eram dados principalmente pelos livros naturais de Aristóteles (Reisch cita *Phisicorum, De coelo & mundo, De generatione & corruptione* e outros). A parte racional, por sua vez, contém as disciplinas do *Trivium* (*Grammatica, Rhetorica* e *Logica*). Uma espécie de *órganon*, embora não seja o *órganon* aristotélico. Além disso, essas disciplinas em parte eram práticas, especialmente a retórica, uma arte na tradição aristotélica. A parte prática, por fim, está dividida em *Activa* (ativa) e *Factiva* (produtiva). A parte ativa está subdividida em *Aethica* (ética), *Politica* (política) e *Iconomica* (econômica), às quais Reisch, um monge, adiciona a *Monastica* (monástica). A parte produtiva está dividida em *Lanificium* (lanifício), *Armatura* (arsenal), *Navigatio* (navegação), *Venatio* (artes militares), *Medicina* (medicina) e *Theatrica* (teatro), seguindo diretamente as artes listadas por Hugo de São Vitor. Reisch expressa uma espécie de *koiné* aristotélica que mostra como os modelos antigos operavam no Renascimento. Aliás, basta ver a imagem para saber quais disciplinas eram mais valorizadas no âmbito de Reisch. Como Reisch colocou em prática sua divisão: enfatizar o índice; apontar para Varchi no texto a respeito da ordem dos ensinamentos.<sup>35</sup>

O pequeno texto *Divisione della filosofia* de Benedetto Varchi, inédito no século XVI, também sintetiza questões amplas. Logo no primeiro parágrafo, Varchi escreve:

A Filosofia tem duas partes: a primeira e mais nobre, porque trata das coisas, se chama real; a segunda e imperfeita, porque trata das palavras, se chama racional, isto é, verbal, por assim dizer, ou ainda artes da palavra, e em suma intencional. Alguns querem que esta não seja verdadeiramente parte da Filosofia, mas órgão, isto é, instrumento que serve à Filosofia.<sup>36</sup>

Varchi, então, elabora sua divisão da filosofia. Na parte que ele chama de real, ele segue a divisão bipartida tradicional:

<sup>33</sup> “*Philosophia est mortis meditatio*” e “*Philosophia est Dei similitudo*”. TOLEDO, Francisco. D. *Francisci Toleti Societatis Iesu Commentaria una cum Quaestionibus in Octo Libros Aristotelis de Physica Auscultatione*. Coloniae Agrippinae: Haeredes Arnoldi Birckmani, 1574, p. 1v.

<sup>34</sup> “*Philosophia est diuinarum, humanarumque rerum cognitio*.” TOLEDO, Francisco. D. *Francisci Toleti Societatis Iesu Commentaria una cum Quaestionibus in Octo Libros Aristotelis de Physica Auscultatione*. Coloniae Agrippinae: Haeredes Arnoldi Birckmani, 1574, p. 1v. No começo do século XVII, Timpler ainda cita Platão, fazendo referência aos diálogos *Fédon* e *Teeteto*, e também Cícero: “*Rerum diuinarum et humanarum causarumque quibus eae res continentur*.” TIMPLER, Clemens. *Metaphysicae systema methodicum*. Hanoviae: Haeredes Guilielmi Antoni, 1612, p. 27.

<sup>35</sup> A respeito da divisão de Reisch e suas origens, cf. KICKHOFEL, Eduardo H. P. “A *Philosophiae partitio* de Gregor Reisch: Um mapa para ler o Renascimento.” In: *Revista Limiar*, vol. 2, no. 3., 2014, p. 85-115.

<sup>36</sup> “*La Filosofia ha due parti: la prima e più nobile, perchè tratta delle cose, si chiama reale; la seconda e manco perfetta, perchè tratta delle parole, si chiama razionale, cioè è verbale, per così dire, o vero sermocinale, ed in somma intenzionale; onde vogliono molti che questa non sia veramente parte di Filosofia, mas organo, cioè è strumento che serve alla Filosofia*.” VARCHI, Benedetto. “*Divisione della filosofia*.” In: RACHELLI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 794.

A Filosofia real se divide principalmente em duas partes: a primeira e mais nobre se chama especulativa ou contemplativa, porque seu fim não é outro que especular ou contemplar, isto é, conhecer e saber a verdade das coisas. A segunda e menos perfeita parte se chama prática, porque o seu fim último não é entender e saber, mas operar.<sup>37</sup>

Varchi também segue a tradição ao subdividir a parte especulativa ou contemplativa da filosofia em três partes:

A filosofia real especulativa se divide em três partes: em Metafísica, isto é, ciência sobrenatural ou divina; e esta, porque trata de todas aquelas coisas que são abstratas ou separadas de qualquer matéria, isto é, Deus e as outras inteligências, é a mais nobre de todas as ciências. A segunda se chama Física, isto é, ciência natural, a qual trata de todas aquelas coisas em tudo e por tudo submersas na matéria, e em suma de todas as coisas naturais, isto é, feitas pela natureza. A terceira e última parte se chama por um verbo grego que quer dizer aprender, matemática; e esta trata de todas aquelas coisas que são em parte abstratas e livres de qualquer matéria, e em parte submersas e mergulhadas na matéria, isto é, que em verdade não se encontram se não nas coisas naturais, e assim quanto à essência e natureza são materiais, mas que se consideram e definem como se não fossem em nenhuma matéria; e pela definição se chamam imateriais. E estas, isto é, as Matemáticas, são principalmente quatro: Aritmética, Música, Geometria e Astrologia, ou mais verdadeiramente Astronomia, sob as quais estão muitas outras, como a Cosmografia, a Perspectiva e outras como tais.<sup>38</sup>

As distinções entre as partes da filosofia nesses termos vêm das questões 5 e 6 do comentário de Tomás de Aquino ao *De trinitate (Da trindade)* de Boécio, no qual Tomás elabora a ideia de *scientiae mediae*, ou seja, as ciências intermediárias entre a física e a matemática. Nesse sentido, na parte matemática Varchi insere as disciplinas do *Quadrivium* como Reisch fizera, mas adiciona outras disciplinas que na época se utilizavam das matemáticas. Em Florença, citar a perspectiva – inclusive a perspectiva para uso dos artífices – como parte da matemática era inevitável devido à tradição que começara com Filippo Brunelleschi e Leon Battista Alberti.

Semelhantemente, Varchi repete a tradição aristotélica ao descrever a parte prática da filosofia, que se divide em duas partes principais:

A primeira e mais digna chama-se agível, a qual trata não de coisas necessárias e, consequentemente, incorruptíveis e eternas, como faz a Filosofia real contemplativa, mas trata de coisas contingentes e feitas pelos homens, e, consequentemente, podem ser ou não ser. E esta se divide em três partes: em Ética ou Moral, a qual considera principalmente os costumes de um homem

<sup>37</sup> “La filosofia reale si divide principalmente in due parti: la prima e più nobile si chiama speculativa o vero contemplativa; perchè il suo fine non è altro che specolare e contemplare, cioè è conoscere e sapere la verità delle cose; la seconda parte e meno perfetta si chiama pratica, perchè il fine suo ultimo non è intendere e sapere, ma operare.” VARCHI, Benedetto. “Divisione della filosofia.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 794.

<sup>38</sup> “La Filosofia reale speculativa si divide in tre parti: nella Metafisica, cioè è scienza soprannaturale o vero divina; e questa, perchè tratta di tutte quelle cose le quali sono astratte o vero separate da ogni materia, cioè è di Dio e dell’altre Intelligenze, è nobilissima di tutte l’altre scienze. La seconda si chiama Fisica, cioè è scienza naturale, la quale tratta di tutte quelle cose le quali sono in tutto e per tutto sommerse nella materia, ed in somma di tutte le cose naturali, cioè è fatte dalla natura. La terza ed ultima parte si chiama da un verbo greco, che vuol dire imparare, Matematica; e questa tratta di tutte quelle cose le quali sono parte astratte e libere da ogni materia, e parte sommerse e tuffate nella materia, cioè è che in verità non si trovano se non in cose materiali, e così in quanto all’essenza e natura loro sono materiali, ma si considerano e diffiniscono come se non fossero in materia nessuna; e però quanto alla diffinizione si chiamano immateriali. E queste, cioè è le Matematiche, sono principalmente quattro: Aritmetica, Musica, Geometria, Astrologia o più veramente Astronomia; sotto la quale si contengono molte altre, come Cosmografia, Prospettiva ed altre cotali.” VARCHI, Benedetto. “Divisione della filosofia.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 794.

sozinho; em Economia ou Familiar, a qual ensina como deve governar a casa um pai de família; e a terceira e última se chama Política, ou seja, Civil, a qual declara como se deve reger e governar os estados, assim como as repúblicas e reinos; e esta é mais nobre do que as outras duas, e se chamar comumente de ciência civil e, em uma palavra, prudência.<sup>39</sup>

Por fim, Varchi descreve a segunda parte da parte prática:

A segunda e última parte se chama factível, e sob esta estão todas as artes chamadas vulgarmente mecânicas. Toda esta parte se chama Arte, e é diferente da prudência porque, além do fato que quase todas as artes deixam, além da operação, uma obra, como se vê ao fabricar-se um navio, ou seja, além da fabricação permanece uma obra, isto é, o navio, o fim das coisas ágveis que caem sob a prudência são sempre as próprias operações.<sup>40</sup>

Além disso, Varchi, herdeiro da tradição humanista florentina, segue comentando e comparando a medicina, as armas e as leis; a comparação entre a medicina e as leis remete diretamente a uma obra de Coluccio Salutati, *De nobilitate legum et medicine* (*Da nobreza das leis e da medicina*), parte da *Disputa delle arti* daquele período. Por fim, Varchi trata da parte racional, “instrumento que serve à Filosofia”, e elenca as disciplinas do *Trivium* (gramática, retórica e lógica) mais a história e a poesia. O *organon* de Varchi não é o *organon* de Aristóteles, mas um *organon* derivado dos *studia humanitatis*, ciclo de estudos de escolas de humanistas que incluía a *grammatica*, a *rhetorica*, a *poetica*, a *historia* e a *philosophia moralis*.

A principal diferença entre Reisch e Varchi esteja no fato que Reisch coloca as disciplinas do *Trivium* na parte teórica da filosofia, ao passo Varchi, junto com a história e a poesia, considera-as como instrumento anterior à filosofia, seguindo assim Aristóteles. De qualquer modo, o esquema bipartido básico ainda estava presente, seja ele formado de uma parte teórica e uma parte prática, seja ele formado por instrumentos preparatórios e as partes teórica e prática.

Por fim, apresenta-se a divisão da filosofia de Francisco de Toledo, de quem se escreve acima. Em seu comentário à *Física* de Aristóteles, ele divide a filosofia em três partes: especulativa (*speculativa*), prática (*practica*) e produtiva (*factiva*). Segundo Wallace (1988, p. 210), esta classificação “has the merit of epitomising the Greek and Latin textual traditions as well as the scholastic revivals in Italy”. Ele então subdivide a parte especulativa:

<sup>39</sup> “La prima e più degna si chiama agibile, la quale tratta non di cose necessarie, e conseguentemente incorrottili e sempiterni, come fa la Filosofia reale contemplativa, ma tratta di cose contingenti e fatte dagli uomini, e conseguentemente che possono essere e non essere; e questa si ridivide in tre parti: in Etica o vero Morale, la quale considera principalmente i costumi d’un uomo solo; in Economia o vero Familiare, la quale insegna come debba governare la casa sua un padre di famiglia; la terza e ultima si chiama politica, cioè è Civile, la quale dichiara come si debbano reggere e governare gli stati, così le repubbliche come i regni; e questa è più nobile dell’altre due, e si chiama comunemente scienze civile, e, con una parole, prudenza.” VARCHI, Benedetto. “Divisione della filosofia.” In: RACHELLI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 794. A identificação entre “ciência civil” e “prudência” parece curiosa, pois não corresponde ao conceito de prudência (*phronesis*) da tradição aristotélica que Varchi bem conhecia. Em uma outra parte de seu texto, entretanto, ele escreve a respeito do “abito agibile”, isto é, “la prudenza”, estando mais próximo assim do sentido aristotélico. Nas *Lezzione*, esse uso fica mais claro, quando ele escreve a respeito do “duoi abiti pratici, l’agibile, nel quale si contiene la prudenza, capo di tutte le virtù mortali”. Cf. VARCHI, Benedetto. “Sopra la pittura e scultura: lezione due.” In: RACHELLI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859c, v. 2, p. 628.

<sup>40</sup> “La seconda e ultima parte si chiama fattibile, e sotto questa si comprendono tutte le arti chiamate volgarmente Meccaniche; onde tutta questa parte si chiama Arte, ed è differente dalla prudenza, perchè, oltra che quasi tutte l’arti lasciano, oltra l’operazione, alcuna opera, come si vede nel fabbricare una nave, dove oltra l’operazione, cioè è oltra la fabbricazione, rimane ancora l’opera, cioè è essa nave, il fine delle cose agibili che caggiono sotto la prudenza, sono sempre l’operazioni stesse.” VARCHI, Benedetto. “Divisione della filosofia.” In: RACHELLI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 794-95.

Especulativa é subdividida em metafísica, que especula a respeito de todos os princípios comuníssimos e afecções gerais; em matemática pura, esta não dependente de movimento por si e que existe abstraindo segundo a razão dos movimentos tratados, como figuras, números e outros acidentes, e matemática média, que segundo a natureza sua são abstratos, mas também em movimento, como perspectiva, música e similares; e em física, que especula a respeito das coisas sensíveis.<sup>41</sup>

A parte prática está também subdividida conforme a tradição aristotélica:

Novamente, a [parte] ativa divide-se em ética, com a qual o homem conhece aquelas coisas segundo as quais deve racionalmente se ordenar; em economia, que trata da família e do lar, e política, que conhece retamente e executa costumes de repúblicas e cidades, que fazem parte daquelas.<sup>42</sup>

Por fim, Toledo trata da parte produtiva:

Novamente, a [parte] produtiva, que é dita mecânica, pode ser subdividida em duas. Primeiro, em artes necessárias, que naturalmente ensinam usos necessário à vida, como lanifício, agricultura, aragem e em [outras coisas] úteis, cujo uso facilitem a vida, como navegação, artes militares e equestres, e em [artes] deleitáveis, cujo uso trazem alegria à vida, como dança, caça, canto e similares. Novamente, pode ser dividida segundo prepara matéria, como a arte de escavar metais, preparar ferro, cozer tijolos, e em outras que dispõem e compõem matéria, como edificação, carpintaria e sapataria, ou que usam matéria composta, como artes militares, equestres e navais.<sup>43</sup>

Essa divisão de Toledo distingue-se das divisões de Reisch e Varchi principalmente ao dividir a filosofia em três partes, não em duas. Entretanto, essa diferença não altera o padrão básico da época, como está colocado a seguir.

Diversas outras divisões da filosofia, em geral menos sistemáticas e abrangentes, foram propostas ao longo do século XVI. Por exemplo, Niccolò Tartaglia, no *General trattato di numeri et misure (Tratado geral de números e medidas)*, diz

Os antigos sábios, honrado senhor compadre (como escreve Ptolomeu no início do *Almagesto*), dividiram a sabedoria em duas partes, a primeira das quais, segundo Ptolomeu, chama-se especulação, e a outra chama-se operação; dessas duas partes, ainda, uma é comumente chamada teórica, ou especulação, e a outra prática, ativa ou operativa. Dentre essas duas partes (como afirma Ptolomeu) não há pouca diferença, [e] a causa é que tendem a diversos fins, porque o fim da

<sup>41</sup> “*Speculativa subdivitur in metaphysicam, quae omnium communissima principia, et passiones générales speculatur, in mathematicam puram, quae ea, quae secundum se a motu non dependent, secundum rationem abstrahendo a motu tractât, ut figuras, números, et his accidentia, et in mathematicam mediam, quae ea, quae secundum naturam suam abstracta sunt, in motu tamen considérât, ut perspectiva, et musica, et similes, et in physicam, quae res sensibiles speculatur.*” TOLEDO, Francisco. D. *Francisci Toleti Societatis Iesu Commentaria una cum Quaestionibus in Octo Libros Aristotelis de Physica Auscultatione*. Coloniae Agrippinae: Haeredes Arnoldi Birckmani, 1574, p. 2r.

<sup>42</sup> “*Rursus activa dividitur in ethicam, qua homo ea, secundum quae se rationabiliter ordinare debet cognoscit: et in oeconomicam, qua familiam, et domum regat: et politicam, qua usus reipublicae, et civitatis, cuius pars est, rectos cognoscat, et exequatur.*” TOLEDO, Francisco. D. *Francisci Toleti Societatis Iesu Commentaria una cum Quaestionibus in Octo Libros Aristotelis de Physica Auscultatione*. Coloniae Agrippinae: Haeredes Arnoldi Birckmani, 1574, p. 2r.

<sup>43</sup> “*Factiva rursus, quae mechanica dicitur, bifariam subdividi potest: primo in artes necessarias, quae nempe usum vitae necessarium ministrant, ut lanificium, agricultura, aratura, et in utiles, quae usum faciliorem vitae faciunt: ut in navigatoria, militaris, equestris, et in delectabiles, quae usum vitae iocundiores reddunt, ut saltandi ars, venandi, cantandi, et similes. Rursus dividi potest in eas, quae materiam praeparant, ut ars fodiendi metalla, conficiendi ferrum, coquendi lateres, et in eas, quae materiam disponunt, et componunt, ut domificatoria, fabrilis, sutoria, et in eas, quae materia composita utuntur, ut militaris, equestris, navigatoria.*” TOLEDO, Francisco. D. *Francisci Toleti Societatis Iesu Commentaria una cum Quaestionibus in Octo Libros Aristotelis de Physica Auscultatione*. Coloniae Agrippinae: Haeredes Arnoldi Birckmani, 1574, p. 2r.

ciência especulativa (como disse Aristóteles no segundo livro da metafísica) não é outro que a verdade, e da operação, ou prática, a obra realizada, e ainda que a especulação (por ser investigadora das causas propínquas, e argumentadora da ciência) seja muito mais nobre que a operação, ou prática operativa, a qual só espera saber realizar com diligência, e conduzir atualmente ao fim, ou ao efeito todas as coisas já especulativamente encontradas, notificadas, e regaladamente postas em ato.<sup>44</sup>

Conrad Summenhart, em seu livro *Philosophia naturalis* publicado em 1517, sugere uma divisão de divisão estoica: “Filosofia é dividida em três partes: lógica, ética e física, ou racional, moral e natural.”<sup>45</sup> Pierio Valeriano, em seu *Hieroglyphica* (1556) segue de modo semelhante, mas engloba a filosofia pela teologia. **[Fig. 3]**

A partir do século XVII, diversas outras divisões da filosofia foram elaboradas. Em meados do século seguinte, no primeiro capítulo da *An enquiry concerning human understanding (Investigação sobre o Entendimento Humano)*, chamado “*Of the different species of philosophy*”, David Hume considera apenas filosofia moral e metafísica (Hume, 2007, p. 3). Filosofia natural já não mais fazia parte do escopo da filosofia, e Hume não faz menção às artes. Talvez a última proposta abrangente de organizar conhecimentos humanos esteja na *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, cuja origem está em Francis Bacon, embora aqui a divisão não esteja mais nomeada como filosofia ou ciência, mas sim como “*connaissance*”: “*Système figuré des connaissances humaines*.”<sup>46</sup>

## O padrão que resta

A origem de conceitos e divisões em questão está nos textos de Platão. No *Político* Platão escreve a respeito de “classificar todas as ciências (*epistêmas*) em dois aspectos”. Então, ele fala da aritmética (*arithmetikê*) e de outras artes (*têchnai*) “separadas da ação e dirigidas apenas para o conhecimento”, e também de artes como a “arquitetura ou com qualquer outra forma de construção manual”, que são “ligadas originalmente à ação” para que “sejam produzidos corpos que antes não existiam”. Logo a seguir, Platão divide as ciências em prática e puramente intelectual: “Classifiquemos todas as ciências atendendo a este princípio. Demos a uma parte o nome de [ciência] prática (*praktikên*) e, à outra, de [ciência] puramente intelectual (*mónon gnostikên*).” Aristóteles manteve essa divisão. Em seu *corpus* de textos não existem divisões da filosofia colocadas de modo detalhado, mas em raras passagens ele menciona uma

<sup>44</sup> “Gli antichi sapienti, honorando signor compare (comme scriue Ptolomeo nel principio del Almagesto) diuidero la sapientia in due parti, la prima dellequali dal detto Ptolomeo è detta speculatione, & l'altra è chiamata operatione, lequali due parti comunamente anchora l'una è detta Theorica, ouer speculatione, & l'altra Pratica, ouer attiva, ouer operatiua, fra lequali due parti (come afferma esso Ptolomeo) non ui è puoca differentia, la causa è che tendono a diuerso fine, perche il fine della scientia speculatiua (come dice Aristotile nel secondo della Metaphisica) non é altro, che la uerita, & della operatione, ouer pratica l'opera compita, & abenche la speculatione (per esser inuestigatrice delle propinque cause, et augmentatrice della scientia) sia molto piu nobile della operatione, ouer pratica operatiua, laquale solamente attende a sapere con diligenza essequire, & condur attualmente a fine, ouer ad effetto tutte le cose gia speculatiuamente ritrouate, notificate, & regolatamente in atto poste.” TARTAGLIA, Nicolo. *General trattato di numeri et misure*. Vinegia: Curtio Troiano de i Navò, 1556, proemio.

<sup>45</sup> “*Philosophia diuidit[ur] in tres partes: in logica: ethica: et physica. Sive in r[ati]onalem: morale[m] e naturale[m]*.” Cf. SUMMENHART, Conrad. *Philosophia naturalis Conradi Summerhardt* Basel: Adam Petri, c. 1517, f. 4v. Quase contemporaneamente, Ambrogio Calepino propôs uma definição e uma divisão semelhantes: “*Philosophia amor est affectatio sapientie: sophia sapie[n]tia dicitur. Hec scientia diuidit[ur] in tres partes: in morale[m]: in naturale[m] e rationale[m]*.” Cf. CALEPINO, Ambrogio. *Dictionarium. Rhegium Lingobardum: Dionysii Bertochi*, 1502, *ad vocem*.

<sup>46</sup> Para visões panorâmicas de divisões da filosofia no Renascimento, cf. BLAIR, Ann. M. “*Organizations of knowledge*.” In: HANKINS, J. (Ed.), *The Cambridge companion to Renaissance philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 287-303. Cf. também FRÄNGSMYR, Tore (Ed.). *The structure of knowledge: classifications of science and learning since the Renaissance*. Berkeley (CA): Office for History of Science and Technology, University of California, 2001.

divisão em três partes como em Toledo<sup>47</sup>, que não altera o padrão básico entre conhecimentos práticos e conhecimentos teóricos, pois se a parte teórica diz respeito a contemplação de noções eternas e necessárias, as partes ativa e produtiva eram tratadas como partes dos conhecimentos práticos “em relação a algo e agora”, como diz Aristóteles.<sup>48</sup> As inúmeras divisões da filosofia elaboradas posteriormente são variações sobre temas aristotélicos de origem platônica.<sup>49</sup>

A divisão bipartida entre conhecimentos práticos e conhecimentos teóricos pode ser colocada em termos de artes e ciências. Em um texto a respeito de prefácios, Varchi remete às duas formas de dividir a filosofia de que se escreve acima e diz:

Se a Filosofia tem por objeto todo o ser, isto é, compreende todas as coisas de todo o universo, clara coisa é que não se pode encontrar coisa alguma em lugar algum que não caia sob a Filosofia; a qual foi dividida por alguns em três partes, e por alguns em duas. Mas, porque tal divisão foi feita e declarada por nós mais vezes, nos remeteremos àquelas divisões, e diremos apenas que, no princípio de todas as obras, se deve declarar se a matéria que em tal livro se trata é ciência ou arte.<sup>50</sup>

No Renascimento, a palavra “arte” não significava obra de arte, como no caso do Museu de Arte de São Paulo, ou seja, um museu que abriga objetos com algum tipo de qualidade, usualmente descrita como estética, apreciados principalmente por suas características estético-formais, não por suas funções ou utilidades imediatas, como escrito acima, incluindo obras que não foram concebidas como obras de arte.<sup>51</sup> Varchi

<sup>47</sup> No começo do livro sexto da *Metafísica* (1025b25), ao falar da física (*physikê epistêmê*) Aristóteles diz: “Todo conhecimento racional (*dianoia*) é ou prático (*praktikê*), ou produtivo (*poietikê*) ou teórico (*theoretikê*.” Cf. também menções à classificação tripartida em *Tópicos* (145a15–16), *De anima* (403b12–17), *Metafísica* (1064b1–3) e *Ética a Nicômaco* (1139a26–28), entre outras.

<sup>48</sup> Aristóteles (*Met.*, 993b19–23): “Também é correto denominar a filosofia (*philosophian*) como ciência da verdade (*epistêmên tês aletheias*). O fim da ciência teórica (*theoretikês*) é a verdade, e, da ciência prática (*praktikês*), é a ação. De fato, se os que sabem agir também investigam de que modo as coisas se dão, estudam-nas não como eternas, mas em relação a algo e agora.” Tradução de Lucas Angioni.

<sup>49</sup> A divisão estoica pode ser reduzida à divisão bipartida. Filósofos estoicos dividiam a filosofia em racional ou lógica, que tratava da dialética e da retórica; ética, que tratava dos costumes; e física, que tratava da natureza (incluindo a matemática e questões da filosofia primeira). A primeira parte equivale ao *organon* aristotélico, ou seja, os instrumentos para a filosofia que estão nos livros *Categorias*, *Da Interpretação*, *Analíticos Anteriores*, *Analíticos Posteriores*, *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*. Aristóteles não menciona onde colocar seu *organon*. As duas partes seguintes correspondem à divisão bipartida aqui elaborada em certo detalhe.

<sup>50</sup> “Se la filosofia ha per obbietto tutto l’ente, cio è comprende tutte le cose di tutto l’universo, chiara cosa è che non si può ritrovare cosa alcuna in luogo veruno, la quale non caggia sotto la Filosofia; la quale fu divisa da alcuni in tre parte, da alcuni in due. Ma perchè cotale divisione è stata fatta e dichiarata da noi più volte, ci rimetteremo a quelle divisioni, e diremo solamente, che nel principio di tutte l’opere, si deve dichiarare se la materia che in cotal libro si tratta è scienza o arte.” VARCHI, Benedetto. “*Dei prolegomini o precognizioni*.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859b, v. 2, p. 808.

<sup>51</sup> No Renascimento, pinturas, esculturas e objetos semelhantes tinham funções cívico-religiosas. No caso de funções religiosas, sua origem está em uma carta do papa Gregório Magno, que por volta do ano 600 advertiu Serenus, bispo iconoclasta de Marselha, que uma coisa é adorar uma pintura, outra é através da história de uma pintura aprender o que adorar: “*Aliud est enim picturam adorare, aliud per picturae historiam quid sit adorandum addiscere*.” São João Damasceno, São Bonaventura e Tomás de Aquino, entre outros, aderiram a essa concepção. Enrödi comenta a origem dessa concepção e aponta para a *Summa de bono*, escrita pelo teólogo francês Filipe, o Chanceler, por volta de 1225–28, como a fonte da *triplex ratio* nos comentários medievais. Cf. ENDRÖDI, Gábor. “The Chancellor’s Three Reasons for Paintings in Churches.” In VARGA, L. et al. (ed.) *Bonum et Pulchrum. Essays in Art History in Honour of Ernő Marosi on His Seventieth Birthday*. Budapest: Argumentum, 2010, p. 137–150. No *Scriptum super Sententiis* (3,9,1,2,2, ad 3), Tomás escreve: “*Fuit autem triplex ratio institutionis imaginum in Ecclesia. Primo ad instructionem rudium, qui eis quasi quibusdam libris edocentur. Secundo ut incarnationis mysterium et sanctorum exempla magis in memoria essent, dum quotidie oculis repraesentantur. Tertio ad excitandum deuotionis affectum qui ex uisus efficacius incitatur quam ex auditibus*.” Conforme Baxandall, o texto *Catholicon*, escrito por Giovanni da Gênova no final do século XIII, ainda era referência no século XV, e ele cita uma passagem desse texto que repete as palavras do grande teólogo-filósofo de Roccaseca: “*Item scire te volo quod triplex fuit ratio institutionis imaginum in ecclesia. Prima ad instructionem rudium, qui eis quasi quibusdam libris e doceri videntur. Secunda ut incarnationis mysterium et sanctorum exempla magis in memoria nostra essent dum quotidie oculis nostris*

diz que arte era “um hábito do intelecto que faz com razão certa e verdadeira daquelas coisas não são necessárias, cujos princípios não estão em si, mas naquele que as faz”<sup>52</sup>, tradução literal da definição aristotélica que está em suas discussões éticas.<sup>53</sup> Arte aqui equivale às partes práticas da filosofia de Reisch e Varchi, e às partes ativa e produtiva de Toledo. Semelhantemente, a palavra “ciência” não apontava não para leis naturais obtidas através de observações sistemáticas e experimentos expressas matematicamente que visam predições e aplicações, mas sim a conhecimentos teóricos subordinados a concepções teológico-metafísicas vindas de experiências comuns em vista de contemplações. Segundo Varchi, ciência era “a cognição das coisas universais e necessárias e, conseqüentemente, eternas, obtida mediante a demonstração”<sup>54</sup>, texto

---

*representantur. Tertia ad excitandum devotiones affectum, que ex visis efficacius excitatur quam ex auditibus.*” Citado por BAXANDALL, Michael. *Painting & Experience in Fifteenth-century Italy*. Oxford: Oxford University Press, 1988, p. 41 (texto original p. 161). Baxandall (p. 41; texto original p. 161-62) também cita os *Sermones quadragesimales fratris Michaelis de Mediolano de decem preceptis*, publicados em Veneza em 1492, que amplia as palavras de Giovanni da Gênova. No vigésimo sermão, intitulado *De adoratione*, o frade Michele da Carcano escreve: “*Imagines Virginis et sanctorum introducte fuerunt triplici de causa. Primo propter ruditatem simplicium, ut qui non possunt scripturas legere in picturis possint sacramenta nostre salutis et fidei cernere. Ideo scribitur de consecratione distinctione 3 c. perlatum. Perlatum ad nos fuerunt quod inconsiderato zelo succensus sanctorum imagines sub hac quasi excusatione ne adorari debuissent confregeris: et quia adorari eas vetuisse omnino laudamus: fregisse vero reprehendimus... Aliud enim est picture adorare, aliud per pictam hystoriam quid sit adorandum adiscere. Nam quod legentibus scriptura, hoc idiotis prostat pictura cernentibus: quia in ipsa ignorantes vident quod sequi debeant: in ipsa legunt qui litteras nesciunt. Unde et precipue gentibus pro lectione pictura est. Verba hec scribit Gregorius Sireno episcopo marsiliensi. Secundo sunt imagines introducte propter tarditatem affectivam: ut homines qui non excitantur ad devotionem, cum aliqua audiunt de sanctorum memoria, saltem moveantur dum ea in picturis quasi presentia cernunt. Plus enini excitatur affectus noster per ea que videt, quam per ea que audit. Tertio introducte sunt propter memorie labilitatem: [...] Et ideo quia multi que audiunt tenere non possunt, sed cum imagines vident recordantur: ideo introducte sunt.*” Ao longo do Renascimento, essas noções estavam relacionadas à retórica, no sentido de imagens que visavam *docere* (ensinar matérias específicas), *delectare* (manter a atenção do ouvinte ao longo do discurso) e *movere* (atingir o sentimento do ouvinte a ponto de fazê-lo mudar de opinião). Como naquela época vida religiosa e vida cívica estavam intimamente relacionadas, pode-se considerar essas observações em relação a obras colocadas em espaços públicos como o *David* de Michelangelo e também pinturas históricas, caso se queira fazer um estudo que vise um certo “*period eye*”. Baxandall é exemplar para esclarecer essa questão no Renascimento, não obstante não discutir o conceito de arte. Por fim, Johnson (2005, p. 121) coloca essa questão de modo claro: “*In this period many of the objects and images produced would have been viewed first and foremost in terms of their patron, function, medium, or iconography, rather being associated with the name of the person who had made them.*”

<sup>52</sup> “*L’arte è uno abito fattivo, con vera ragione, di quelle cose che non sono necessarie, il principio delle quali è non nelle cose che si fanno, ma in colui che le fa.*” Cf. VARCHI, Benedetto. “*Sopra la pittura e scultura: lezione due.*” In: RACHELLI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859c, v. 2, p. 628.

<sup>53</sup> Segundo Aristóteles (*Et. Nic.*, VI, 1140a), arte é a “disposição produtiva (*hêxis poietikê*) com reta razão” que “trata de trazer algo à existência (*peri genesin*) que pode ser ou não ser, cuja origem está naquele que faz, mas não na coisa feita”, no mundo da geração e corrupção. O *Greek-English Lexicon* de Liddell e Scott define “*technê*” como “*art, skill, craft in workmanship, cunning of hand*”, “*an art, craft, tradé*” e “*an art or craft, a set of rules or regular method of making or doing*”. O *Dictionnaire Étymologique* de Chantraine define “*technê*” semelhantemente, isto é, “*savoir-faire dans un métier*” e “*métier, technique, art*”. No começo da *Metafísica*, Aristóteles remete às “discussões éticas”, ou seja, aos livros que hoje compõem a *Ética nicomaqueia*, mas em certas ocorrências fazem pensar “*technê*” como ofício ou profissão. A palavra “*téchnê*” e suas traduções em latim e italiano também descrevia os ofícios ou as profissões que usavam esse tipo de conhecimento prático, sentido também presente em textos antigos. O pintor toscano Cennino Cennini, autor do *Il libro dell’arte* (*O livro da arte*) por volta de 1400, deixa claro esses dois sentidos da época. No primeiro capítulo, ele se descreve como “*picholo membro essercitante nell’arte di dipintoria*”, ou seja, do ofício ou profissão da pintura, e então, ao elogiar Giotto di Bondone, escreve que este “*ebbe l’arte più compiuta che avessi mai più nessuno*”, ou seja, conhecimentos práticos para pintar. Cf. CENNINI, Cennini. *Il libro dell’arte*. Ed. a cura di Fabio Frezzato. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2003, p. 61-63. Para as semelhanças entre os termos “*ars*”, “*scientia*” e “*disciplina*” na Idade Média, ainda válidas no Renascimento, cf. TEEUWEN, M. *Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2003.

<sup>54</sup> “*La cognizione delle cose universali e necessarie e conseqüentemente eterne, avuta mediante la dimostrazione.*” VARCHI, Benedetto. “*Sopra la pittura e scultura: lezione due.*” In: RACHELLI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859c, v. 2, p. 628.

também colado a Aristóteles.<sup>55</sup> Ciência aqui equivale à parte real teórica de Reisch, à parte especulativa ou contemplativa de Varchi, e à parte especulativa de Toledo.

Entretanto, que não se busque usos unívocos. As palavras “arte” e “ciência” eram usadas indistintamente. Varchi sabia disso: “O nome ‘ciência’ compreende, entendido largamente, todas as artes, e também o nome ‘arte’ compreende, entendido largamente, todas as ciências, não obstante o fato que ciência e arte serem hábitos diferentíssimos.”<sup>56</sup> Varchi declara então os sentidos de arte e ciência citados acima. Usos indistintos não mudam conceitos a que se referem, e em geral contexto explica se dado conhecimento é teórico ou prático.<sup>57</sup>

Em resumo, existiam conhecimentos operativos de princípios e causas que tinham fins práticos, sejam ativos ou produtivos, no mundo da geração e corrupção e eram usualmente chamados de artes, mas podiam ser chamados de ciências. Existiam também conhecimentos demonstrativos de princípios e causas eternos e necessários que tinham fins contemplativos, que eram usualmente chamados ciências, mas também podiam ser chamados de artes. Ambas formas de conhecimento faziam parte da filosofia em sentido amplo. Adiciona-se que “ciência” e “filosofia” também eram usados indistintamente em sentido amplo, como mostra a gravura de Giovanni Crisostomo Javelli. [fig. 4]. Entretanto, outra vez contexto explica seu sentido.<sup>58</sup>

### Da utilidade

Propõe-se fazer história da filosofia do Renascimento como filosofia era entendida no Renascimento, não como entendida hoje. Para isso, evita-se vocabulários e conceitos, questões e disciplinas posteriores ao Renascimento. Dá-se um passo para trás, por assim dizer. Assim, as palavras “ars” e “arte” em textos de Leon Battista Alberti e Leonardo da Vinci, fazem mais sentido se relacionadas ao dicionário latino de Ambrogio Calepino e a textos de Benedetto Varchi do que se relacionadas a livros de estética e de história da arte. As artes, efetivamente, eram parte da filosofia, e “*philosophia*” e “*filosofia*” também fazem mais sentido se relacionadas a fontes de época, não a textos posteriores de historiadores da filosofia como James Hankins. Sob essa perspectiva,

<sup>55</sup> Segundo Aristóteles (*Et. Nic.*, VI, 1139b), ciência era a “disposição demonstrativa (*hêxis apodeitikhê*)” cujos objetos existem “por necessidade” e são eternos, “pois tudo o que existe por necessidade é eterno, e o que é eterno não vem a ser nem perece”.

<sup>56</sup>: “Questo nome ‘scienza’ comprende, largamente preso, ancora tutte l’arti, così questo nome ‘arte’ comprende, preso largamente, ancora tutte le scienze, non ostante che la scienza e l’arte siano abiti differentissimi.” VARCHI, Benedetto. “Sopra la pittura e scultura: lezione due.” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859c, v. 2, p. 628.

<sup>57</sup> Ambas palavras eram usadas em sentido amplo de conhecimento. No prefácio do *De architectura*, Leon Battista Alberti sugere uma divisão tripartida das artes: “Imperoche noi certo seguitiamo alcune arti per la necessità, e alcune approviamo per la utilità, e alcune sono in pregio perche mediante lo operare di quelle, si viene in cognitione delle cose che diletano.” Poucas décadas após, no início do *Divina proportione* Luca Pacioli, alude a uma divisão tripartida das ciências e disciplinas: “Nel quale diremo de cose alte e sublimi quali veramente sonno el cimento e copella de tutte le prelibate scientie e discipline e da quello ogni altra speculativa ofcupatione e scientifica pratica e mecanica deriva.” Cf. ALBERTI, Leon Battista. *L’architettura di Leonbatista Alberti*. Firenze: Lorenzo Tolentino, 1550, p. 5.

<sup>58</sup> As palavras “ciência” e “filosofia” foram usadas como sinônimos até o século XVIII. Na divisão das ciências do *Leviathan*, publicado em 1651, Thomas Hobbes diz: “Science, that is, knowledge of consequences, which is called also philosophy.” Entretanto, aqui é importante distinguir a “*scientia*” medieval e renascentista, ainda experiencial e qualitativa, da ciência concebida por Galileu Galilei no século XVII, experimental e matemática, e reconhecer que, na época de Hobbes, começava a aparecer a distinção entre filosofia e ciência tal qual hoje conhecida. Cf. RUTHERFORD, Donald. “Innovation and orthodoxy in early modern philosophy.” In: RUTHERFORD, D. (ed.), *The Cambridge Companion to Early Modern Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 11-38. Na *Encyclopedie* (1751), lê-se no prefácio “PHILOSOPHIE Ou SCIENCE”, e em 1761, J. Newbery publicou em Londres um resumo da filosofia de Newton, cujo título é o seguinte: “The Newtonian System of Philosophy, Adapted to the Capacities of young Gentlemen and Ladies, and familiarized and made entertaining by Objects with which they are intimately acquainted.” Jean-Baptiste Lamarck publicou em 1809 o *Philosophie zoologique*, e em 1838 William Mullinger Higgins publicou o livro *The Experimental Philosopher*, título que sugere que conceitos elaborados no século XVII ainda eram usados no século XIX.



importa estabelecer mais conexões entre fontes de época do que entre fontes de época e textos posteriores ao período que se estuda.

A perspectiva ampla que aqui se apresenta permite pensar um arco de questões que parte dos relevos do Campanile de Florença, que celebram a *vita activa* e artes que literalmente faziam a Florença no Renascimento e são objetos de historiadores da arte, e chega às duas novas ciências de Galileu, objetos de historiadores e de filósofos da ciência. Artífices, humanistas e filósofos buscaram dar dignidade a certas artes aproximando-as de certas ciências, ou seja, sistematizar conhecimentos práticos utilizando conhecimentos teóricos, e ao resolver problemas práticos eles conceberam uma física matemática progressivamente independente de noções metafísicas e útil, que veio a ser a ciência dos modernos que, por sua vez, está na base de inúmeras ciências contemporâneas. De fato, visa-se aproximar disciplinas contemporâneas para, então, esquecê-las. Também, essa perspectiva permite entender Nicolau Copérnico como parte da história da filosofia como lá entendida, não como parte da história da ciência ou da filosofia da ciência como hoje entendidas, por exemplo.

Essa perspectiva também permite pensar compêndios organizados segundo divisões da filosofia do Renascimento, não conforme disciplinas posteriores, ou ainda pensar história da filosofia organizada segundo usos e sentidos de “*philosophia*” e suas traduções ao longo de períodos históricos, não segundo ideias formadas no último século e meio. Nesse sentido, os volumes da Cambridge e autores renascentistas como Gregor Reisch jogam jogos que têm peças e regras significativamente diferentes. Não custa recordar que Reisch e Toletus, entre outros autores renascentistas que seguiam preceptivas retóricas, colocaram suas respectivas divisões da filosofia e definiriam termos principais nas páginas iniciais de seus livros.<sup>59</sup> Entretanto, não se busca fazer história como se fazia no Renascimento, como Varchi e outros faziam. História como disciplina estava relacionada à poética e à retórica, como essas disciplinas eram compreendidas. Varchi diz: “Resta-nos a História entre a retórica e a poética, sendo a forma dela a verdade nas coisas civis ou feitas pelo homem e, assim, contingentes, e sua matéria ou instrumento são as palavras.”<sup>60</sup> História documental como hoje praticada tem suas origens no Renascimento, mas foi sistematizada apenas no século XIX.

Além disso, o Renascimento terminou há séculos, e não existem modos de pensar como lá se pensava. Entretanto, recorda-se palavras do regente e teórico Nikolaus Harnoncourt, um dos pioneiros de interpretações históricas de música barroca. Perguntado a respeito da impossibilidade de se saber como se interpretava partituras na época de Johann Sebastian Bach, ele dizia: “*Certes nous ne savons pas exactement comment c’était, mais nous savons très exactement comment ce n’était pas.*”<sup>61</sup>

<sup>59</sup> Uma publicação recente a respeito de Leon Battista Alberti sugere em sua primeira página circunscrever disciplinas a que ele dedicou atenção, mas usando palavras e disciplinas de modo equivocado: “A criatividade de Leon Battista Alberti (1404-1472) é infinita. Não há nada ou quase nada – literatura, artes, ciências, economia, moral e política – que Alberti não tenha tratado e que não tenha sido profundamente modificado pela leitura, sempre singular, que promoveu. E de tal modo que, não apenas a cultura, mas também as diversas formas de racionalidade ganharam aspetos inéditos que mesmo o termo ‘humanismo’ é incapaz de as circunscrever completamente.” Ao invés de “criatividade”, arte e engenho talvez fossem boas opções, e artes e ciências talvez bastassem para delimitar de modo amplo matérias tratadas por Alberti. “Racionalidade” parece conceito dado por entendido, e “cultura” diz respeito a um conceito elaborado no século XIX por Edward Burnett Taylor e Matthew Arnold. Cf. KRÜGER Mário, et alii. *Na Gênese das Racionalidades Modernas II: Em torno de Alberti e do Humanismo*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 11.

<sup>60</sup> “*Restaci la Storia, la quale è tra la Rettorica e la Poetica, la forma della quale è la verità, ma nelle cose civili per lo più e fatte dagli uomini, e per conseguenza contingenti, e la sua materia o vero strumento sono le parole, come di tutte l’arti razionali.*” Cf. VARCHI, Benedetto. “*Divisione della filosofia.*” In: RACHELI, A. (Ed.), *Opere di Benedetto Varchi*. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1859a, v. 2, p. 796. É importante também dizer que acima escreve-se “usos”, palavra que implica o segundo Wittgenstein. Entretanto, usa-se essa palavra de modo particular: usos (ocorrências) produzem sentidos (em indivíduos) em determinados períodos. Se essa abordagem analítica soa anacrônica, usa-se porque não se conhece outra melhor.

<sup>61</sup> Citado por Reinhard Goebel. *Diapason* n° 645, abril 2016.

Escrever história talvez seja como desenhar um mapa de uma cidade a partir de ruínas que se conhece parcialmente, ou montar um quebra-cabeça de que se tem apenas peças separadas e desgastadas, e do qual não se conhece o desenho amplo. Talvez escrever história seja como desenhar detalhadamente uma janela sem conhecer as dimensões e o estilo do prédio de que ela faz parte.

### Considerações finais

Uma partitura de Johann Sebastian Bach, por exemplo, permite inúmeras abordagens de interpretação. Pode-se interpretar Bach utilizando orquestras e modos de interpretar derivados de orquestras e de modos de interpretar da segunda metade do século XIX. Pode-se interpretar Bach utilizando fontes de época, como instrumentos e tratados, como se faz desde meados do século passado. Caso se queira, pode-se rearranjar Bach como fizeram compositores e intérpretes tão diversos quanto Leopold Stokowski e Jacques Loussier, por exemplo. Pode-se interpretar peças de Johann Sebastian Bach usando sintetizadores da década de setenta, mas diga que faz por tais e tais motivos e não diga que se interpretava assim em meados do século XVIII. A questão aqui diz respeito a esclarecer – nomear, explicitar e interrogar – que tipo de interpretação se faz para que se faça seguindo métodos e para que seja apreciada como tal. Semelhantemente, alguém quiser tentar encaixar círculos em triângulos em seus estudos acadêmicos, que deixe claro que tenta encaixar círculos em triângulos.

*Last but not the least*, visa-se preparar alunos para fazer filosofia de modo rigoroso (que implica conhecer ciências naturais, mas eis orientação particular minha que não se ousa generalizar). Não se filosofa *ex nihilo*, e sem conhecimentos de história da filosofia corre-se riscos de cometer erros e, como se diz, de querer reinventar a roda. Então, que se conheça a tradição filosófica de que se faz parte para saber ler textos filosóficos, conforme noções de filosofia de suas respectivas épocas. Saber extrair noções de textos filosóficos que em um dado momento interessam para pensar questões contemporâneas; “saber extrair” implica entender conceitos de época e também pensar como e para que fins se extrai tais e tais conceitos. Filósofos não precisam ter rigor de historiadores, pois esse não é seu foco principal, mas que sejam rigorosos, e, caso queiram extrair noções anacronicamente, que saibam disso para si e para sugiram como querem ser lidos.<sup>62</sup>

<sup>62</sup> Nesse sentido, e usando categorias anacrônicas como espécie de atalhos, divisões da filosofia não implicavam apenas questões de taxonomia, mas também de epistemologia (como se conhecia) e ontologia (o que existia), e ainda de pedagogia (como se ensinava).



Fig. 1 Niccolo Tartaglia. Frontispício do *La nova scientia* de Nicolo Tartaglia. Veneza, 1550. ETH-Bibliothek Zürich.

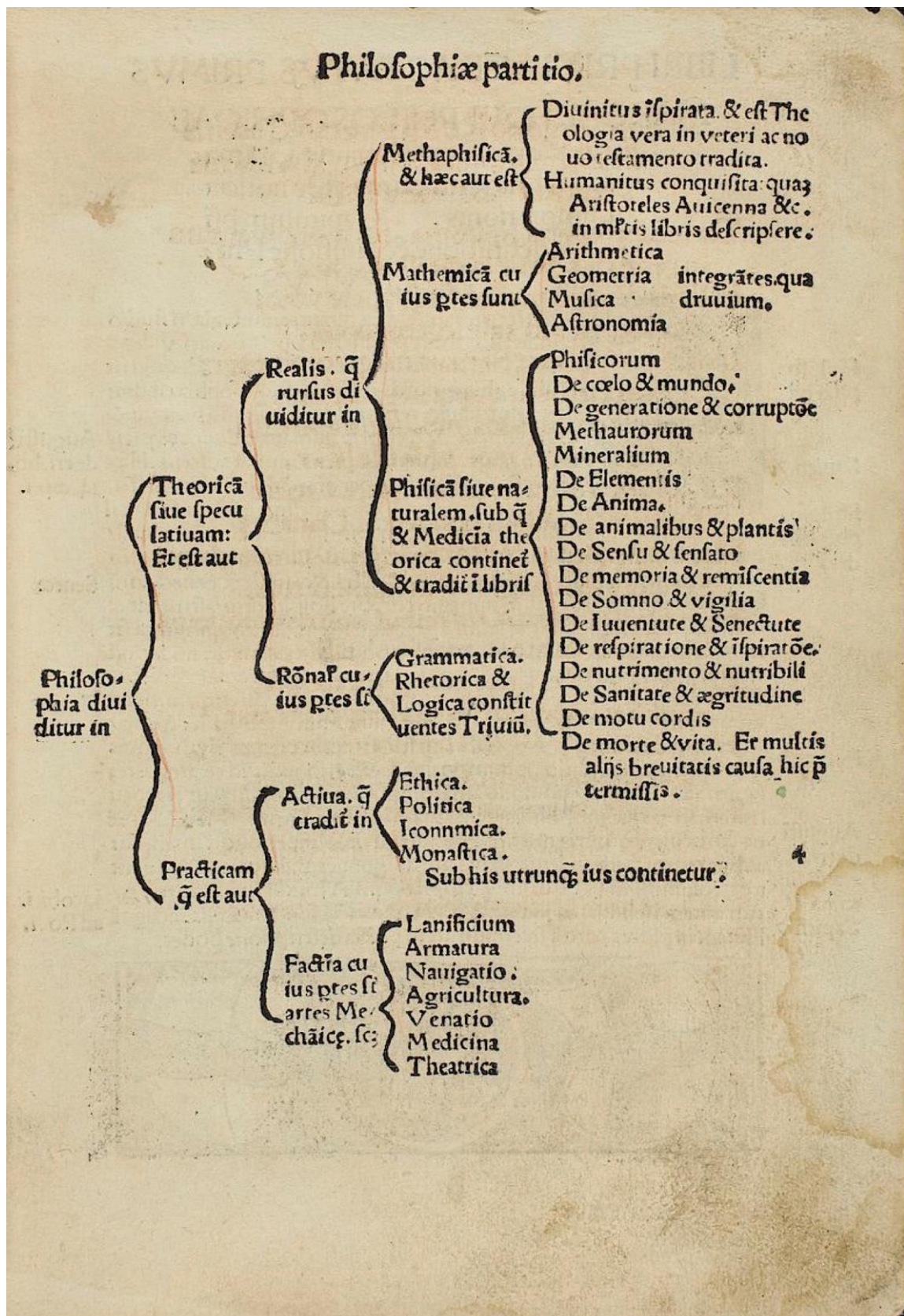


Fig. 2 Gregor Reisch. *Philosophiæ partitio* do livro *Margarita philosophica*. Freiburg, 1503. Universitätsbibliothek Freiburg.

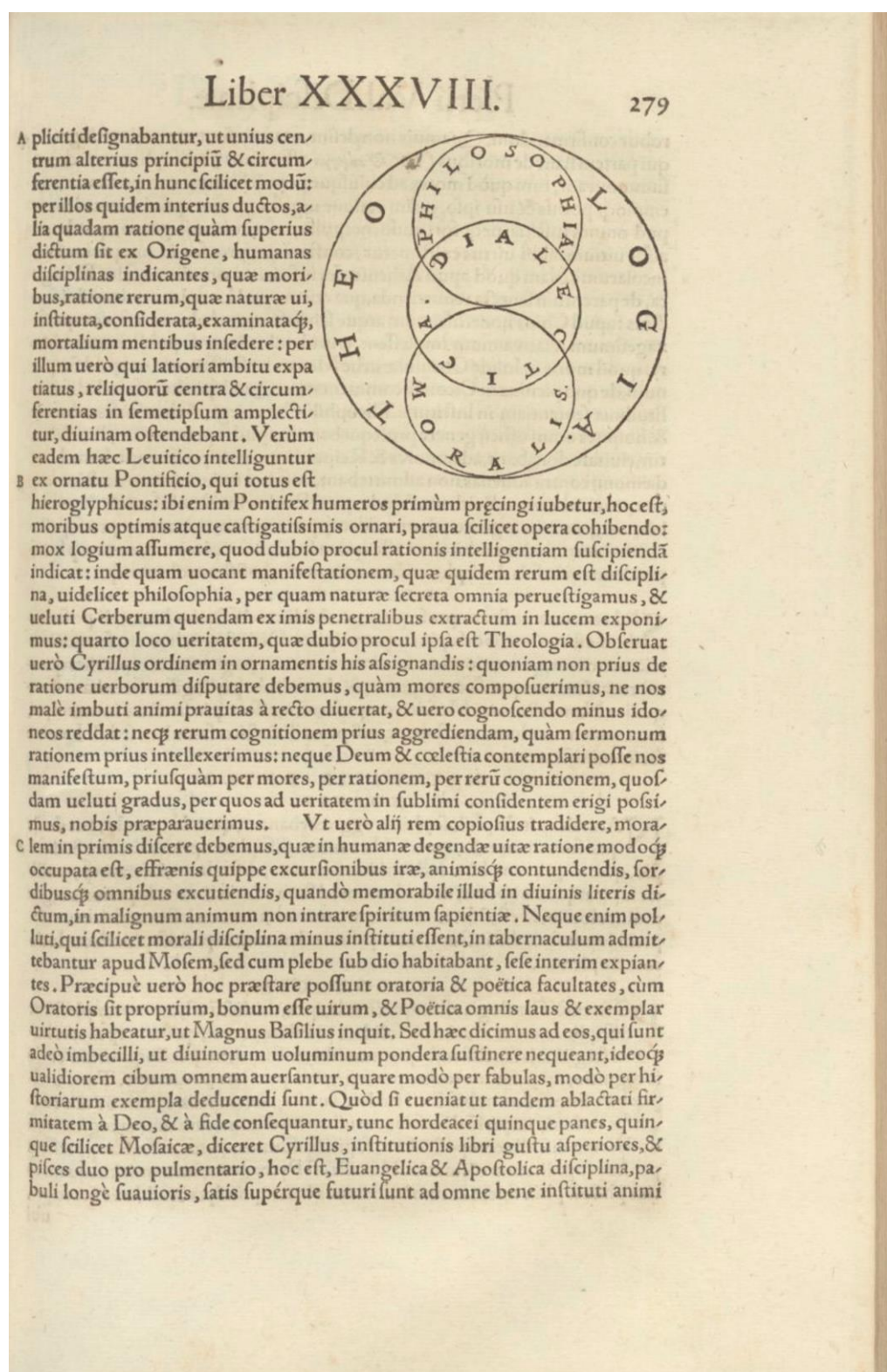


Fig. 3 Pierio Valeriano. *Divisão da filosofia no livro Hieroglyphica*. Basileia, 1556. Universita<sup>t</sup>tsbibliothek Basel.

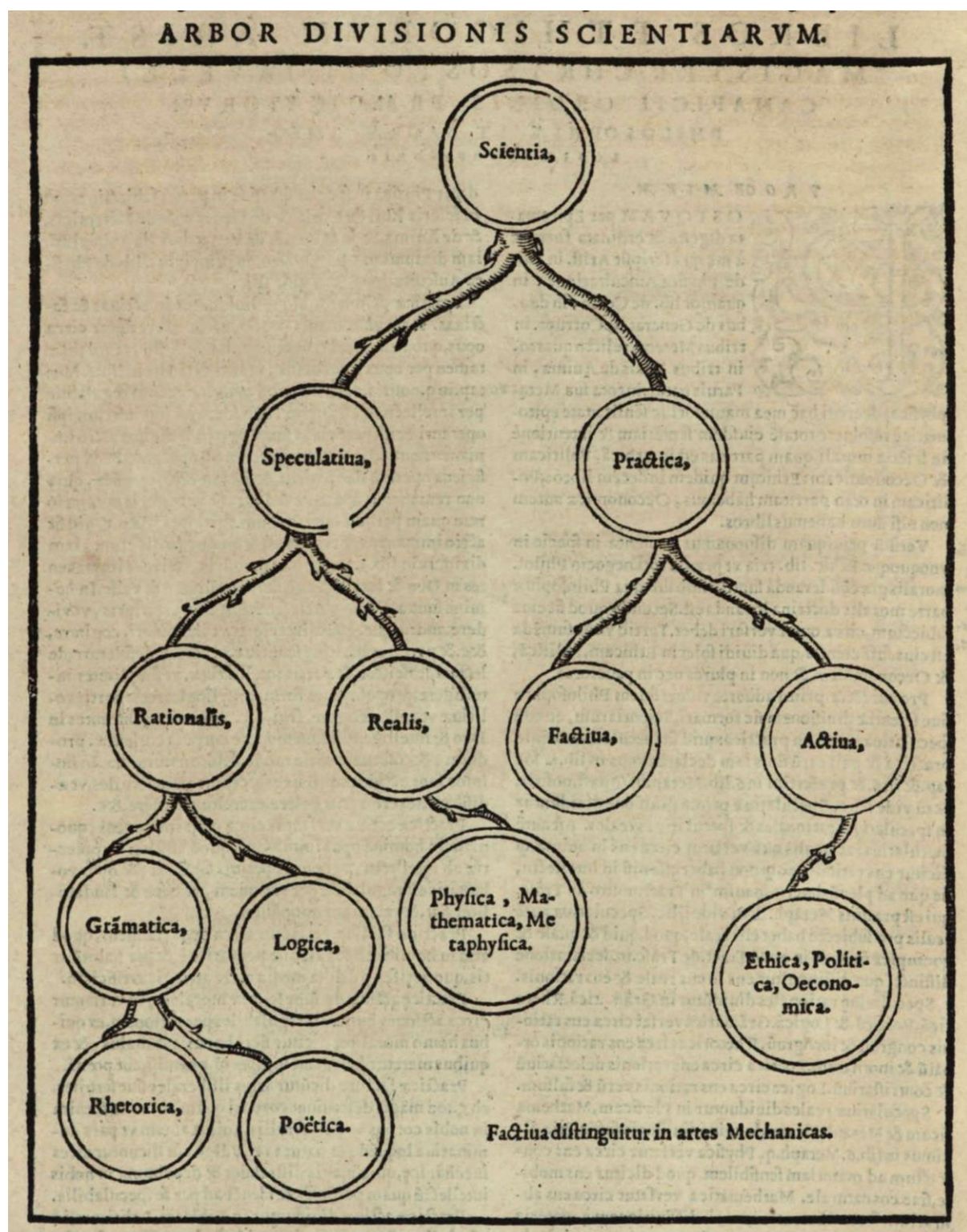


Fig. 4 Giovanni Crisostomo Javelli. *Arbor divisionis scientiarum* do livro *In Universam Aristotelis, Platonis & Christianam Philosophiam Moralem*. Lyon, 1568. Bayerische Staatsbibliothek.

---

Doutor em Filosofia (USP-SP, 2007)  
Professor de História da Filosofia da Renascença na Escola de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas/Unifesp

Email: [erika.damiao@unifesp.br](mailto:erika.damiao@unifesp.br)